

O esqueleto de férias

Leonora Carrington

Tradução e apresentação de Vássia Silveira¹
Universidade Federal de Santa Catarina

Revisão da tradução por André Luís Leite²
Universidade Federal de Santa Catarina

Nascida em Lancashire, na Inglaterra, Leonora Carrington (1917-2011) viveu quase toda sua vida adulta no México, país no qual se exilou em 1942, em decorrência de eventos relacionados à 2ª Guerra Mundial (1939-1945). Figura emblemática do Surrealismo, o trabalho de Carrington como pintora, escultora e escritora celebra elementos caros ao movimento, como o onírico, o maravilhoso, o inconsciente. Na literatura, o conjunto de sua obra reúne peças de teatro, romances e contos, entre os quais “Le squelette en vacances”.

Publicado pela primeira vez em 1939, “Le squelette en vacances” faz parte, originalmente, de “L’homme qui a perdu son squelette”, texto coletivo publicado nos números 4 e 5 da revista *Plastique* e assinado por um grupo de poetas e pintores do surrealismo francês: Leonora Carrington, Gisèle Prassinos, Hans Arp, Marcel Duchamp, Paul Eluard, Max Ernst, Georges Hugnet e Henri Pastoureau. Escrito por Carrington para o capítulo quatro de “L’homme qui a perdu son squelette”³, “Le squelette en vacances” foi depois traduzido para o inglês (CARRINGTON, 1988) e o espanhol (CARRINGTON, 1992) e integra edições voltadas tanto para o público adulto quanto o infantil (CARRINGTON, 2017)⁴.

De maneira geral, e diferente das traduções para o inglês e espanhol, na tradução para o português do Brasil optei por manter na língua de partida os termos que lembram aos leitores a origem estrangeira do texto. Ao lado desta decisão está também a de dispensar o uso de notas explicativas, bem como a de manter a referência ao Sr. Erable

¹ Jornalista e escritora. Doutoranda e bolsista CAPES no Programa de Pós-Graduação em Estudos da Tradução na Universidade Federal de Santa Catarina. Mestra em Estudos da Tradução pelo mesmo programa. E-mail: vassia@uol.com.br.

² Mestrando em Estudos da Tradução – PGET/UFSC. Bacharel em Letras – Língua Francesa e Literaturas de Língua Francesa pela Universidade Federal de Santa Catarina. E-mail: andreluisleite13@gmail.com.

³ O texto coletivo “L’homme qui a perdu son squelette” foi também publicado, em 2019, pela editora francesa Fata Morgana. A edição, com tiragem de 450 exemplares, reúne ilustrações de Max Ernst.

⁴ Sobre esta edição em particular, ver resenha em: *Qorpus*, v.10, n.1, mar 2020, p. 265-267.

– por considerar que a mesma serve como pista da construção coletiva, nos moldes do cadáver esquisito, na qual se insere “Le squelette en vacances”. Por último, julgo necessário admitir que a tradução para o português não logrou reproduzir o jogo linguístico presente em “confrères, consœurs, cononcles et contantes”. Um luto que, lembrando Ricoeur (2012), de maneira alguma comprometeu minha felicidade de traduzir, visto que: “A felicidade de traduzir é um ganho quando, ligada à perda do absoluto linguístico, ela aceita a distância entre a adequação e a equivalência, a equivalência sem adequação. Nisso está sua felicidade. Admitindo e assumindo a irredutibilidade do par do próprio e do estrangeiro, o tradutor encontra sua recompensa no reconhecimento do estatuto incontornável da dialogicidade do ato de traduzir como o horizonte do desejo de traduzir” (RICOEUR, 2012, p. 29-30).

O esqueleto estava feliz como um louco tirado da camisa de força. Foi uma libertação para ele poder andar sem o fardo da carne. Os mosquitos não o picavam mais. Não precisava mais cortar o cabelo. Não sentia fome, nem sede, nem frio, nem calor. Estava longe do lagarto do amor e de sua burguesia, longe do leite da concubina, longe do ranho da lua. Os cogumelos-tenores que cresciam nos meridianos não o preocupavam mais. Um alemão, professor de química, tentando convertê-lo em delicioso *ersatz*, dinamite, geleia de morango, *choucrouste garnie*... etc., espreitou-o por um tempo. O esqueleto soube despistá-lo facilmente derrubando o osso de um jovem zepelim sobre o qual o professor se jogou recitando hinos químicos e cobrindo-o com beijos quentes e levemente incestuosos.

A morada do esqueleto tinha uma cabeça antiga e pés modernos. O teto era o céu, o chão, a terra. Era inteiramente pintada de branco e decorada com bolas de neve nas quais batia um coração. Ele parecia um monumento transparente sonhando com um seio elétrico e mirava sem olhos com um sorriso amável e invisível na fonte inesgotável de silêncio que envolve nossa estrela. O esqueleto não gostava do sinistro, mas para *insinuar* que a vida também tem seus momentos de risco, ele colocou no meio de seu lindo apartamento um dado gigante no qual se sentava de tempos em tempos como um verdadeiro filósofo. Às vezes, esboçava alguns *entrechats-six* ao som de « La danse macabre » de Saint-Saëns. Mas fazia isso com toda a graça, com toda a candura do gênero danças de meia-noite em cemitérios românticos e antiquados que ao vê-lo ninguém poderia pensar em algo desagradável. Satisfeito, ele contemplou a Via Láctea,

o imenso exército de esqueletos que envolve nosso planeta. Ela cintila, faísca, brilha com todas as suas miríades de pequenos esqueletos que dançam, pulam, caem e cumprem seu trabalho. Eles acolhem os mortos dos mil campos de honra, honra de hienas, de víboras, de crocodilos, de morcegos, de piolhos, de sapos, de aranhas, de solitárias, de escorpiões. Dão os primeiros conselhos e guiam seus primeiros passos, porque os mortos ao nascerem são miseráveis no abandono como os recém-nascidos. Os repugnantes e eminentes membros de nossa confraria, irmãs, tios e tias, com perfume de javali e ostras mumificadas no nariz, transformam-se em esqueletos moribundos de beleza aterradora. Você já ouviu o terrível gemido dos mortos nas hecatombes? É o pavoroso desencanto dos mortos recém-nascidos que esperaram e mereceram o sono eterno e que se veem enganados e apanhados em uma eterna engrenagem de dor e tristeza. O povo esqueleto não sabia muito como agir diante de nosso esqueleto. Ele era um esqueleto profissional ou amador?

O esqueleto não estava nem um pouco preocupado com a carne errante do Sr. Erable. Toda manhã, ele se levantava, puro como uma lâmina Gillette. Enfeitava os ossos com ervas finas, escovava os dentes com medula de ancestral e pintava as unhas com vermelho Fatma. À noite, na hora do aperitivo, ele ia ao bistrô da esquina, onde lia regularmente « Le Journal des nécromanciens », publicação favorita do alto escalão de cadáveres. Muitas vezes, divertia-se com jogos de torres de marfim e dândi. Uma vez, fingiu estar com sede e pediu algo para escrever; esvaziou o tinteiro entre as mandíbulas dentro da carcaça: a tinta espirrou e manchou seus lindos ossos brancos. Outra vez, ele entrou em uma loja de bibelôs e comprou um estoque desses artigos divertidos de Paris, fezes naturalistas; colocou algumas em seu urinol durante a noite e o criado ficou sem acreditar quando acordou: dizer que um esqueleto que não come nem bebe tinha necessidades como todo mundo.

Aconteceu que um dia o esqueleto desenhou pequenas avelãs que andavam com mimosas perninhas por montanhas que cuspiam pela boca, olhos, ouvidos, nariz e outras aberturas e orifícios, sapos. O esqueleto se assustou como um esqueleto que encontra em plena luz do dia um esqueleto. Rapidamente, fez crescer na cabeça uma abóbora detetive, que tinha no lado diurno pão de patchouli e no lado noturno ovo de Colombo, e foi, meio aliviado, a uma cartomante.

Le squelette en vacances

Le squelette était joyeux comme un fou à qui on enlève sa camisole de force. C'était pour lui une délivrance de pouvoir se promener sans le fardeau de la chair. Les moustiques ne le piquaient plus. Il n'avait plus besoin de se faire couper les cheveux. Il n'avait ni faim, ni soif, ni froid, ni chaud. Il était loin du lézard de l'amour et de ses bourgeois, loin du lait des concubine, loin de la morve de lune. Les champignons-ténors qui poussaient sur les méridiens, ne le préoccupaient plus. Un allemand, un professeur de chimie, qui se proposait de le convertir en délicieux ersatz, dynamite, confiture de fraises, choucroute garnie..., etc., le guetta pendant un certain temps. Le squelette sut facilement le dépister en laissant tomber l'os d'un jeune zeppelin sur lequel le professeur se rua en récitant des hymnes chimiques et en couvrant l'os de chauds baisers légèrement incestueux.

Le logement du squelette avait une tête antique et des pieds modernes. Le plafond était le ciel, le plancher la terre. Il était entièrement peint en blanc et décoré avec de boules de neige dans lesquelles battaient un cœur. Il ressemblait à un monument transparent qui rêve d'une mamelle électrique et regardait sans yeux avec un sourire gentil et invisible dans l'inépuisable provision de silence qui entoure notre astre. Le squelette n'aimait pas le sinistre, mais pour *suggérer* que la vie a aussi certains instants hasardeux, il avait placé au milieu de son bel appartement un dé géant sur lequel il s'asseyait de temps en temps comme un vrai philosophe. Parfois, il esquissait quelques entrechats-six sur l'aire « La danse macabre » de Saint-Saëns. Mais il le faisait avec une telle grâce, avec une telle candeur dans le genre des danses de minuit sur les cimetières romantiques et démodés que nul en le voyant n'aurait pu penser à quelque chose de désagréable. Satisfait il contemplait la voie lactée, l'immense armée des squelettes qui enveloppe notre planète. Elle scintille, étincelle, brille de toutes ses myriades de petits squelettes qui dansent, sautent, culbutent et font leur besoin. Ils accueillent les morts des mille champs d'honneur, d'honneur des hyènes, de vipères, de crocodiles, de chauves-souris, de poux, de crapauds, d'araignées, de vers solitaires, de scorpions. Ils leur donnent les premiers conseils et guident leurs premiers pas, car les morts à leur naissance sont misérables dans leur abandon comme des nouveau-nés. Nos répugnants et éminents confrères, consœurs, cononcles et contantes, au parfum de sanglier et au nez incrusté d'huîtres momifiées, se transforment en mourant en squelettes d'une beauté terrifiante. Avez-vous entendu l'effroyable gémissement des morts dans

les hécatombes ? C'est le terrible désenchantement des morts nouveau-nés qui ont espéré et bien mérité le sommeil éternel et qui se voient trompés et pris dans un éternel engrenage de douleurs et de tristesses. Le peuple des squelettes ne savait trop quoi faire de notre squelette. Était-il un squelette professionnel ou amateur ?

Le squelette ne s'occupait pas le moins du monde de la chair errante, de M. Erable. Chaque matin, il se levait, pur comme une lame Gillette. Il décorait ses os avec des fines herbes, se brossait les dents avec de la moelle d'aïeul et se vernissait les ongles avec du rouge Fatma. Le soir, à l'apéritif, il se rendait au bistro du coin où il lisait régulièrement « Le Journal des nécromanciens » feuille préférée de la haute volée crémante des cadavres. Souvent, il s'amusa à jouer des tours d'ivoire et de dandy. Une fois, il fit semblant d'avoir soif et commanda de quoi écrire; il vida l'encrier entre ses mâchoires à l'intérieur de sa carcasse: l'encre éclaboussa et tacha ses beaux os blancs. Une autre fois, il pénétra chez un bimbolotier et acheta une provision de ces plaisants articles de Paris, des étrons naturalistes ; il en plaça le soir dans son vase de nuit et le domestique n'en revenait pas au réveil : dire qu'un squelette qui ne mange ni ne boit avait des besoins comme tout le monde.

Il advint qu'un jour le squelette dessina des petites noisettes qui se promenaient sur de mignonnes petites jambes à travers des montagnes qui crachaient par la bouche, les yeux, les oreilles, le nez et autres ouvertures et trous, des grenouilles. Le squelette s'en effraya comme un squelette qui rencontre en plein jour un squelette. Vite, il fit pousser sur sa tête un potiron détective qui avait le côté diurne d'un pain de patchouli et le côté nocturne de l'œuf de Colomb, et s'en alla, à demi rassuré, chez une cartomancienne.

REFERÊNCIAS

CARRINGTON, Leonora. Le squelette en vacances. In: *Plastique: Numbers 1-5 (1937-1939)*. New York: Arno Press, 1969, p. 2-3.

_____. *The Seventh Horse and Other Tales*. Trad. Kathrine Talbot and Anthony Kerrigan. New York: E. P. Dutton, 1988.

_____. *El séptimo caballo y otros cuentos*. Trad. Francisco Torres Oliver. Ciudad de México, Siglo XXI Editores, 1992.

_____. *Historias de ensueño: Leonora Carrington para niños*. Ciudad de México: Secretaria de Cultura/Colección Biblioteca Infantil, 2017.

RICOEUR, Paul. *Sobre a tradução*. Tradução e prefácio de Patrícia Lavelle. 1ª reimpressão. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2012.